

7.

MAIO · 2021

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!





FIGURA 1.

Catedral de Santiago de Compostela.

O CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO. COMO TUDO COMEÇOU... HÁ CINCO LUSTROS

O CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO. COMO TUDO COMEÇOU... HÁ CINCO LUSTROS

Neste texto faz-se um sucinto relato das actividades desenvolvidas nos Anos 80 e 90, partindo pedra para desobstruir os alicerces do antigo Caminho Português de Santiago. Evoca-se essa memória até à constituição, em Ponte de Lima, da Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, que tomou as rédeas do processo nos anos que se seguiram.

Conclui-se com alguma apreensão pelo descaminho que o Caminho leva, pelo abuso e pelo sobre-uso da sua vivência.

In this text there is a brief account of the activities developed in the 80s and 90s, breaking stone for the construction of the foundations of the old Portuguese Way of Santiago. This memory is evoked until the establishment, in Ponte de Lima, of the Association of Friends of the Portuguese Way of Santiago, which took charge of the process in the years that followed. It concludes with some apprehension due to the path that the Way takes, the abuse and the overuse of its experience.

CAMINHO PORTUGUÊS,
PEREGRINO, SANTIAGO

PORTUGUESE PATH,
PILGRIM, SANTIAGO

JOÃO GOMES D'ABREU

Na minha juventude, a Peregrinação, como fenómeno em si, causava-me já um certo fascínio, mas para além das deslocações que tinha feito a Fátima, onde fora sempre de carro, realmente nunca chegara a viver essa experiência.

Mais tarde voltei ao Norte, às minhas origens, onde iniciei a vida profissional a par com uma obcecante actividade cultural, sobretudo com trabalhos de investigação e de recolha documental sobre a região. E foi aqui que essa sedução despertou de novo e a sério. Entusiasmavam-me as romagens aos santuários de devoção popular, como à Senhora da Aparecida ou à da Peneda, que até pela distância se chegavam a fazer de noite mas, sobretudo, por muito citada mas na prática inexistente, a peregrinação a Santiago de Compostela. A devoção jacobea esfumara-se ou, pelo menos, desvanecera-se com o culto mariano, tão enraizado no povo português e de forma tão expressiva desde as aparições de Fátima. Mas, curioso é que as peregrinações a Santiago, ainda que inusitadas, não estavam de todo esquecidas. A gente abeirada do Caminho sabia bem para onde ele ia e quem, há muitos anos, era visto a percorrê-lo. E contava histórias curiosas que nunca tinham sido registadas mas que, na realidade, eram congruentes com o conhecimento esporádico que havia sobre essas itinerâncias.

“

Mas, curioso é que as peregrinações a Santiago, ainda que inusitadas, não estavam de todo esquecidas. A gente abeirada do Caminho sabia bem para onde ele ia e quem, há muitos anos, era visto a percorrê-lo.

”

Foi com esta perspectiva cultural que então me identifiquei, reforçada pelas conversas que tinha na Torre da Cadeia com José Rosa Araújo, o “guarda-mor” do arquiv municipal.

Nos Anos 80, quando se trabalhava afincadamente no Arquivo de Ponte de Lima, recolhendo-se referências que pudessem aligeirar a multíscia carga da sua publicação periódica, ouvi muitas histórias que o Zé Rosa contava sobre o Caminho de Santiago. Eram as recordações de um tio clérigo com quem vivera os seus primeiros anos e o que descobrira ao longo da sua vida nas deambulações pelo interior profundo do Alto Minho. Muitas vezes nos deslocávamos a lugares referenciados para enquadrar essa copiosa relação de fogachos da sua memória. Foi assim, lembro-me bem, que vi pela primeira vez a Cruz dos Franceses, na Labruja, e foi também assim que a relacionámos com um episódio da *História porca...* redigida há dois séculos pelo Governador militar de Ponte de Lima. Presença assídua nas tertúlias da Torre era ainda o Padre Manuel Dias, que conhecia este concelho como ninguém e que desvendara os segredos do Caminho de Santiago nos cinco anos que curara a paróquia da Labruja. No decurso das divagações, os Mestres iam estruturando as ideias e de quando em vez saíam-se com um artigo com o mote de S. Tiago. O ambiente era propício, até pelas excelentes relações culturais que se iam cimentando com os nos-

sos vizinhos galegos, carreadas por uma política de identificação nesse domínio, entre a Câmara Municipal de Ponte de Lima e a Xunta de Galicia e que envolvia os mais prestigiados homens da Cultura das instituições académicas dos dois lados da fronteira. Os Colóquios Culturais Galaico-Minhotos, que se iniciaram em Ponte de Lima em 1981 e se repetiram periodicamente ao longo da década de 80, frutificavam a olhos vistos e proporcionavam excelentes oportunidades de intercâmbio e de cooperação.

Enquanto isto, a Galiza fervilhava de iniciativas para preparar o ano santo que se aproximava (1993) e foi neste entusiasmo que a Asociación Galega de Amigos do Camiño de Santiago iniciou os seus trabalhos de identificação dos itinerários jacobeus concorrentes na Galiza. Na equipe que se debruçou sobre o Caminho Português a partir de Tui, recordo Alfredo Jeremías Sampedro e José Antonio de la Riera, porque foram eles que estabeleceram os primeiros contactos com as autarquias portuguesas cujos territórios se supunha serem servidos por este Caminho. O Presidente da Câmara de Valença, Major Alberto Pereira de Castro, manifestou logo a sua disponibilidade para colaborar na extensão ao espaço nacional dos trabalhos de identificação feitos sobre o Caminho Português na Galiza, que haviam sido patrocinados pela Xunta, aderindo de seguida também a Câmara de Ponte de Lima, que era presidida pelo

“

Na equipe que se debruçou sobre o Caminho Português a partir de Tui, recordo Alfredo Jeremías Sampedro e José Antonio de la Riera, porque foram eles que estabeleceram os primeiros contactos com as autarquias portuguesas cujos territórios se supunha serem servidos por este Caminho.

”

Eng. Daniel Campelo. Enquanto isso, uma Comunidade de Trabalho Galicia-Norte de Portugal executava um programa de cooperação mútua definido por D. Manuel Fraga Iribarne, em nome da Xunta de Galicia e pelo Eng. Luís Braga da Cruz, Presidente da Comissão de Coordenação da Região do Norte e de que resultaria a primeira publicação de fôlego sobre os itinerários do Caminho Português de Santiago, em dois encorpados volumes.

Entretanto, José Rosa Araújo, tão grande entusiasta por este tema, partira já. Mas entravam em cena outras pessoas e outras instituições. Juan Manuel López-Chaves, Presidente da Asociación Amigos de los Pazos, publicara o diário de Confalonieri e servira-se dele para organizar uma peregrinação, que pretendia tão próxima quanto possível dessa vetusta realidade. Fora uma iniciativa marcante, que tivera a colaboração do Centro de Estudos Jacobeus, criado no Porto pelo Dr. João Rebelo de Carvalho e D. Maria da Graça Sanches da Gama e a que estava também ligado o Círculo Almeida Garrett, presidido pelo Eng. José Paulo Lencastre. Enquanto isso, López-Chaves, com o apoio do seu compatriota José María Ballester, da Fundação Botín e então Director da Cultura e Património Cultural e Natural do Conselho da Europa, envolvia-se no processo da Recomendação 987/1984 da Assembleia Parlamentar deste organismo, que declarou o Caminho de Santiago como “primeiro itine-

rário cultural europeu”, processo que culminaria alguns anos depois na classificação da UNESCO como Património Universal da Humanidade.

Estávamos em 1994. O Ano Santo de 1993 fora encerrado e já se pensava no próximo, que teria lugar daí a cinco anos.

Os ventos sopravam favoráveis e havia que aproveitar a monção para promover o Caminho Português na sua plenitude. A equipe da Asociación Galega já estava em campo com o apoio de alguns voluntários da Câmara de Valença, que foram o núcleo da primeira associação jacobea criada em Portugal – a Associação de Valença do Minho dos Amigos do Caminho Português de Santiago e que iniciaram os trabalhos de identificação e da sinalização provisória do troço Ponte de Lima-Valença. Disponibilizaram-se ainda colaboradores de Paredes de Coura e por Ponte de Lima juntou-se o Padre Manuel Dias e também eu próprio.

Percorreram-se, vezes sem conta, os quarenta quilómetros deste trajecto, para estabelecer uma continuidade interrompida, para discernir o significado de variantes locais, para encontrar alternativas exequíveis a trechos já inviáveis, para relacionar memórias que surgiam a cada passo. Analisou-se cartografia antiga e actual (numa base analógica, ainda sem recurso à georreferenciação e a imagens digitais), varreram-se fundos documentais, massacrrou-se a população com perguntas e questões

específicas. E ao cabo de dois anos tínhamos uma directriz muito aproximada do Caminho, que outro não fora que não a velha estrada real que do interior da província se dirigia à raia fronteiriça.

Tínhamos a nosso favor a circunstância deste trajecto ter adormecido durante século e meio, por ter ficado de fora na rede viária do Fontismo, sem acesso a regularizações que o teriam alterado irremediavelmente. A centralidade de Viana, que então emergira como capital distrital, passara a ser a referência da nova rede de acessibilidades, onde pouco contava uma via de filiação romana que já só conduzia gente à feira.

Depois do I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses a Santiago de Compostela, organizado pelo Círculo Almeida Garrett, no Porto, em 1989 e dos I e II Encontros sobre o mesmo tema, realizados em Tui e em Vigo sob a égide da Asociación Amigos de los Pazos, era a vez do III Encontro, previsto para 1995, agora sob a responsabilidade das duas associações jacobéas – a Galega e a recém-criada em Valença, onde decorreria.

Pareceu-me que este areópago, que envolvia académicos, investigadores, políticos, autarcas, religiosos e, naturalmente, inúmeros curiosos, reunia as melhores condições para lançar o repto da salvaguarda e da classificação do Caminho e com a experiência de vários anos que tinha como Técnico do Ordenamento do Território, decidi participar fazendo o enqua-

dramento do itinerário nos instrumentos de planeamento e gestão territorial, cuja elaboração estava em curso nos três municípios de Ponte de Lima, Paredes de Coura e Valença – a primeira versão dos designados Planos Directores Municipais. Concluí que o traçado tinha algumas garantias de protecção, uma vez que 60% do seu desenvolvimento se verificava em espaços com servidões impostas, como era o caso da Reserva Agrícola ou da Reserva Ecológica Nacional, mas que isto não era de todo suficiente para acautelar a sua integridade. E fiz até um apelo às três Câmaras, representadas no Encontro, para articularem nos seus PDM's uma estratégia comum de pré-classificação. Mas tirando o caso de Ponte de Lima, o apelo caiu em saco roto, o que viria a ter graves consequências na sua conservação.

Foi na sequência destes simpósios e já praticamente ultimada a fixação do troço Ponte de Lima-Valença, que a ADRIL-Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima, com quem eu colaborava, tomou sobre si a responsabilidade de constituir uma nova associação, a sediar em Ponte de Lima – a Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, formalizada em 1998, para dar continuidade aos trabalhos feitos, agora com a definição do traçado do Caminho Português entre o Porto, Barcelos e Ponte de Lima. Nesta fase, que decorreu com febril actividade, desempenhou um papel funda-

mental o Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, arqueólogo e docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma autoridade neste domínio e com um enorme conhecimento da região em estudo. E muitas outras pessoas contribuíram também com o que sabiam das suas bandas, sendo justo referir, entre todos, o Padre António José Baptista, que era, ao tempo, o Pároco de S. Miguel da Facha.

No Ano Santo de 1999 já o itinerário estava praticamente definido e sinalizado entre o Porto e Valença (e também no sentido inverso, com setas azuis, na direcção de Fátima), tendo a associação de Ponte de Lima organizado dois anos depois a sua quarta grande peregrinação, iniciada naquela cidade, que passou a ser o ponto de partida da maioria dos peregrinos que fazem o Caminho Português. A utilização do Caminho por peregrinos de todo o mundo crescia sem parar e até os mais cépticos se entusiasmavam, a ponto de programarem iniciativas que pudessem beneficiar dessa circunstância. Multiplicaram-se as disponibilidades de alojamento, de serviços de refeição, de abastecimento e de animação e, de forma mais desinteressada, a prestação de serviços de saúde e de informação, que tanta falta fazem aos peregrinos. Mas o deslumbramento trouxe também contributos negativos, desastrosos até.

As autarquias, sobretudo algumas Juntas de Freguesia, sem qualquer noção do conceito de património

••

O Caminho Português mantendo, ainda assim, uma grande afluência de peregrinos, suscitou noutros locais onde, naturalmente, ele não passava, alguma apetência por uma versão própria. E assim se foram criando itinerários onde nunca existiram antes, justificados apenas por um sentimento de emulação, quando não por meros interesses económicos ou políticos. Actualmente, proliferam os itinerários, embora muitos não tenham corroboração histórica nem deles se conheça sequer uma simples referência que legitime tal pretensão.

••

cultural, tão depressa se aperceberam do crescente afluxo de peregrinos aos seus territórios, logo trataram de lhes aliviar as penas facilitando-lhes o caminhar e destruíram pavimentações seculares, que eram a imagem de marca de um dos mais bem conservados itinerários jacobeus, substituindo-as por pisos betuminosos de tipologia urbana. Foi assim na Facha, na Correlhã, na Labruja, ... para falarmos só do concelho de Ponte de Lima, perdendo-se o que tinha de melhor a maior parte deste itinerário.

O Caminho Português mantendo, ainda assim, uma grande afluência de peregrinos, suscitou noutros locais onde, naturalmente, ele não passava, alguma apetência por uma versão própria. E assim se foram criando itinerários onde nunca existiram antes, justificados apenas por um sentimento de emulação, quando não por meros interesses económicos ou políticos. Actualmente, proliferam os itinerários, embora muitos não tenham corroboração histórica nem deles se conheça sequer uma simples referência que legitime tal pretensão. Mas, apesar de tudo, o Caminho autêntico continua cheio de actividade e espero sinceramente que continue a desempenhar o seu papel como figura de proa da rede jacobea portuguesa.

